

Razões para a profissionalização em jornalismo científico

Michele Martins

A atuação dos jornalistas em centros de pesquisa e tecnologia, seja na cobertura diária dos veículos de comunicação de massa, seja no trabalho das assessorias de comunicação, é uma atividade primordial para a sociedade. Uma das principais obrigações é chamar a atenção para as implicações da produção científica no cotidiano dos cidadãos. Foi nessa área que o trabalho do professor Wilson da Costa Bueno tornou-se referência. Sempre muito crítico e chamando a atenção para o olhar atento que os jornalistas devem voltar para os bastidores da ciência, ele concedeu esta entrevista ao **Jornal UFG** durante a 63ª Reunião Anual da SBPC, realizada na UFG em julho. Wilson da Costa Bueno atua em duas frentes de estudos: o jornalismo especializado, envolvendo três grandes áreas – a ambiental, a de saúde e a científica – e os estudos sobre comunicação empresarial. Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP) e hoje vinculado à pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, onde também tem atuado há mais de 30 anos, Wilson da Costa Bueno é um dos poucos professores no Brasil que estudou tão profundamente a relação entre a mídia e a ciência e que orientou um grande número de trabalhos sobre esse tema: em 2012, ele deverá completar 100 teses orientadas na área de Comunicação. Considerável parte desses trabalhos foi no campo do Jornalismo Científico (JC). Um dos projetos a que tem se dedicado é a primeira Escola Brasileira de Jornalismo Científico, um curso de extensão intensivo de Jornalismo Científico, com aulas práticas e teóricas, destinado a estudantes do último período do curso de jornalismo de todo o país. No mês de julho, durante a 63ª Reunião Anual da SBPC, o curso foi ministrado na UFG. E foi num dos intervalos das aulas que ele concedeu esta entrevista.

Todo jornalista tem a obrigação de ter uma visão crítica da realidade e saber fazer as perguntas certas para conseguir as informações de interesse público. Qual é o grande diferencial de um jornalista que se especializa na área de ciência?

O jornalismo científico começa antes da produção da matéria, quando o repórter avalia o contexto em que a notícia é gerada. O jornalista deve saber quem lucra com a divulgação e os interesses por trás dessa divulgação. No jornalismo científico, temos o compromisso de checar as informações e de qualificar a cobertura, o que é um sistema muito particular de produção de conhecimento. E se não dominamos o tema, não temos conhecimento dessa cultura científica, cometeremos erros típicos importantes. Se um político fala uma coisa hoje, fala uma coisa diferente no dia seguinte, podemos até achar isso razoável. Mas o cientista é coerente. Ele está preocupado com a precisão da informação e nos cobra isso. Portanto, há uma cultura particular na produção da matéria de ciência e tecnologia. Acho fundamental repassar o jargão, o método, a história, a filosofia da ciência.

Quais as principais orientações para os jornalistas que cobrem ciência e tecnologia?

A ideia é que a divulgação científica, por meio do jornalismo científico, não comece na produção da matéria. Tem de começar antes, na observação do contexto em que essa matéria é gerada. A ciência não é uma área isenta de interesses ou independente, como podemos imaginar. Como na economia ou na política, há interesses em jogo na cobertura e na produção de ciência e de tecnologia. Temos de ficar de olhos abertos porque pode ser que as fontes estejam comprometidas com interesses empresariais, políticos e até militares.

Como o senhor avalia a formação nessa área específica?

No Brasil é precária a formação nessa área. Posso afirmar que menos de 10% dos cursos de Jornalismo oferecem algum conteúdo voltado para a divulgação científica. Muitas vezes, os jornalistas saem da graduação com preconceito em relação à divulgação de ciência, porque na mídia, no mercado de trabalho, eles vão escutar que isso não tem importância para a população. Falta sensibilidade dos editores, dos empresários de

comunicação e até do governo para perceber a importância da divulgação científica. Não há espaços regulares, não há editoriais, não há jornalistas especializados na maior parte dos veículos e, por isso, os equívocos e o repasse de informações erradas são cada vez mais frequentes. As pautas muitas vezes são escolhidas por interesses empresariais, aspectos curiosos da ciência. Há uma distorção da cobertura de ciência e tecnologia que compromete a própria imagem que a população tem da ciência e tecnologia, da sua importância.

O que o senhor pensa do trabalho de divulgadores que são cientistas?

Somos tão carentes da ampliação do debate sobre o conhecimento de temas científicos que temos de contar com todos. Há cientistas que fazem um trabalho formidável de divulgação científica. Posso citar o Marcelo Gleiser e, apesar das minhas restrições aos compromissos com laboratórios, posso citar o doutor Drauzio Varella. Muitos jornalistas científicos possuem formação em outras áreas, como Física, Biologia, Medicina. Acho que essa formação complementar deveria ser incentivada, para reforçar o compromisso social de divulgar a ciência.

O que é mais fácil: um cientista aprender a rotina do jornalista ou o jornalista aprender a rotina do laboratório?

Não sei. Os jornalistas fazem um filtro, uma adaptação da linguagem científica. Sempre há um trabalho de qualificação do texto em função da audiência. No Brasil, há poucas experiências de divulgação científica feita só por pesquisadores.

Como avalia o trabalho de JC nas assessorias de comunicação das instituições e universidades?

Esse é um trabalho fundamental. Creio que com ele cresce muito a possibilidade de inserção de temas científicos na mídia, quando se tem uma assessoria de comunicação competente. Na medida em que essas estruturas se profissionalizam e ganham autonomia, nos lugares que



Flávia Gomes

produzem ciência que são os institutos de pesquisa, as empresas e, sobretudo, as universidades, a presença da ciência e tecnologia da mídia cresce vertiginosamente. A garantia desse espaço está relacionada com o trabalho das assessorias, porque elas fazem a mediação com a imprensa, coisa que o pesquisador dificilmente consegue fazer. Esse processo de mediação é comum nas empresas, comum nos governos e é fundamental para a área de ciência e tecnologia. As fundações de amparo à pesquisa têm feito um trabalho importante e isso não era comum há 15 anos.

Em muitos casos essas fundações ficam sujeitas às conjunturas e aos interesses políticos, o que pode prejudicar o repasse de recursos financeiros. Quais as implicações nesses casos?

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) é um exemplo, porque, independentemente do governo, ela tem autonomia financeira e não depende de verbas estaduais. Em alguns estados brasileiros, nos quais existem caciques políticos influentes, verificamos uma relação estreita entre as áreas política, econômica e científica. Isso pode comprometer a continuidade dos projetos e a independência e isenção das fundações. Contudo, o trabalho de assessoria de comunicação nesses órgãos é muito importante para a divulgação científica.